

# Como fazer a angústia falar quando seu objeto é o próprio corpo?

---

Consuelo Pereira de Almeida

## Resumo

Este texto aborda o trabalho realizado pelo psicanalista em um hospital geral e as questões que ali surgem com relação ao corpo. Partimos da premissa de que a linguagem opera sobre o organismo e faz dele um corpo que é transformado pelo discurso do Outro, fazendo leito para o “advento do Outro pela operação do significante” (Lacan, 1967/2003, p. 357). Demonstramos como o sujeito fala com seu corpo e, com efeito, mais do que sabe, sempre à espera de um leitor que possa escutar e interpretar a palavra que está amordaçada a seu próprio corpo. Acreditamos que a doença orgânica não é sem expressar essa fala. Uma fala em que o discurso médico sempre é surpreendido por algo que escapa à ordem médica e que produz enigma. Pretendemos, por meio de um fragmento clínico de uma criança internada em uma instituição hospitalar, discutir como o corpo, ao presentificar algo do sujeito evanescente da cadeia, pode servir como destino de sua própria angústia, trazendo graves consequências.

## Palavras-chave:

Desejo; Outro; Angústia; Corpo.

## How can we make anguish speak when its object is the body itself?

## Abstract

This text addresses the work of the psychoanalyst in a general hospital and the issues that arise there concerning the body. We start from the premise that language acts on the organism, transforming it into a body that is shaped by the discourse of the Other, making room for the “advent of the Other through the operation of the signifier” (Lacan, 1967/2003, p. 357). We demonstrate how the subject communicates with their body and, consequently, more than they know, is always waiting for a listener who can hear and interpret the word that is silenced within their own body. We believe that organic illness is not without expressing this

speech. This is a speech in which medical discourse is constantly surprised by something that escapes medical order and produces an enigma. Through a clinical fragment of a child hospitalized in a medical institution, we aim to discuss how the body, by manifesting something of the evanescent subject of the chain, can serve as a destination for its own anguish, bringing serious consequences.

**Keywords:**

Desire; Other; Anguish; Body.

**¿Cómo hacer hablar a la angustia cuando su objeto es el cuerpo mismo?**

**Resumen**

Este texto aborda el trabajo que realiza el psicoanalista en un hospital general y las cuestiones que allí se plantean en relación con el cuerpo. Partimos de la premisa de que el lenguaje opera sobre el organismo y lo convierte en un cuerpo que es transformado por el discurso del Otro, “que hace el lecho del Otro por la operación del significante” (Lacan, 1967/2003, p. 357). Demostramos cómo el sujeto habla con su cuerpo y, en efecto, más de lo que sabe, esperando siempre un lector que pueda escuchar e interpretar la palabra que está amordazada a su propio cuerpo. Creemos que la enfermedad orgánica no se produce sin que se exprese este discurso. Un discurso en el que el discurso médico siempre se sorprende con algo que escapa al orden médico, y que produce un enigma. Pretendemos, a través de un fragmento clínico de un niño ingresado en una institución hospitalaria, discutir cómo el cuerpo, al presentificar algo del sujeto evanescente en cadena, puede servir como destino de su propia angustia, resultando en graves consecuencias.

**Palabras clave:**

Deseo; Otro; Angustia; Cuerpo.

**Comment faire parler l'angoisse quand son objet est le corps lui-même ?**

**Résumé**

Ce texte aborde le travail effectué par le psychanalyste dans un hôpital général et les problématiques qui s'y posent par rapport au corps. Nous partons du postulat que le langage opère sur l'organisme et en fait un corps transformé par le discours de l'Autre, faisant le lit « l'avènement de l'Autre par l'opération du signifiant »

(Lacan, 1967/2003, p. 357). Nous montrons comment le sujet parle avec son corps et, en effet, plus qu'il ne sait, attendant toujours un lecteur capable d'écouter et d'interpréter la parole bâillonnée à son propre corps. Nous pensons que les maladies organiques ne sont pas sans exprimer ce discours. Un discours dans lequel le discours médical est toujours surpris par quelque chose qui échappe à l'ordre médical, et qui produit une énigme. Nous entendons, à travers un fragment clinique d'un enfant admis une institution hospitalière, discuter comment le corps, en présentant quelque chose du sujet évanescent en chaîne, peut servir de destination à sa propre angoisse, entraînant de graves conséquences.

### **Mots-clés :**

Désir ; Autre ; Angoisse ; Corps.

A propósito dos tratamentos conduzidos em uma instituição hospitalar, pudemos observar o quanto o desejo do Outro pode incidir na forma como cada sujeito lida com seu corpo, incluindo aí, muitas vezes, sua doença e a evolução do quadro clínico. Quando isso acontece, principalmente nos casos que vão a óbito, é possível encontrar um efeito surpresa diante de algo que escapa ao saber médico, que faz enigma.

Desde seu início, o corpo aparece introduzido por Freud pelo viés do deciframento dos sintomas histéricos, sintomas que acabam repercutindo em muitas das funções corporais: como andar, ver e tantas outras comprovadas pela clínica freudiana. Trata-se de um corpo cuja anatomia não coincide em nada com o corpo estudado pela medicina, que, com suas inúmeras especialidades, tem cada vez mais suprimido o efeito sujeito, ampliando o que Lacan denominou falha epistemossomática. Uma falha entre o saber científico sobre o corpo e o que esse corpo habitado por um sujeito do desejo e do gozo apresenta como fenômeno. Fenômenos que continuam sendo apresentados no corpo e que escapam à medicina justamente por ela não levar em consideração algo que para a psicanálise se coloca como fundamental: a particularidade de cada sujeito.

Como psicanalistas, sabemos que a linguagem opera sobre o organismo e faz dele um corpo que é transformado, redesenhado pelo discurso do Outro. A linguagem, então, é o que nos atribui um corpo marcado pelo simbólico. Nas formulações de Lacan sobre a marca que portamos no corpo, encontramos que: “Como terceiro (...) em sua relação com o gozo e com o saber, o corpo faz leito para o advento do Outro pela operação do significante” (Lacan, 1967/2003, p. 357), permitindo que possamos dizer que o sujeito fala com seu corpo, e sempre fala mais do que sabe. Mas como fazer falar a angústia quando o corpo presentifica algo do sujeito evanescente da cadeia e se oferece como destino? Algo que parece se escre-

ver no corpo, como um estigma, uma cicatriz, um lugar no corpo que faz nó, um *Unerkannte* (Lacan, 1975/1994, p. 12).

Recordo aqui o caso de Beatriz, uma criança de 11 anos encaminhada para atendimento pela Pediatria do hospital em que eu trabalhava, porque não vinha respondendo adequadamente ao tratamento médico. Beatriz nasceu prematura, aos 7 meses, tendo havido uma tentativa de aborto no início da gravidez, mas, segundo a mãe, era “um bebê normal”, até que, com 1 ano de idade, começou a ter febres com complicações no trato urinário que culminaram na realização de uma nefrectomia. Seu irmão, dois anos mais novo, apresentou o mesmo problema no trato urinário, sendo submetido também a vários tratamentos, inclusive uma nefrectomia. Pudemos observar, pela fala da mãe e de Beatriz, o quanto a ligação entre os irmãos era intensa, e levantamos a hipótese de que sua função era a de velar a angústia de não ter sido desejada pela mãe, como poderemos observar no decorrer do caso. Essa relata que, sempre que um era internado, o outro também era.

Se o Outro é o lugar da linguagem, é dele que advém a resposta ao grito do bebê. Um grito que, para ser transformado em demanda, implica o sujeito ter entrado na dialética significante. O Outro deseja algo e responde ao sujeito conforme seu próprio desejo. É a resposta proveniente do Outro que instaura o que a criança vai pedir, demandar e desejar. A mãe, ao significar para a criança (por exemplo: “tu és o que tem fome...”; “tu não foste desejada...”), revela a determinação simbólica presente na vida do bebê. Lacan, em seu texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, aponta que:

O dito primeiro decreta, legifera, sentencia, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade. Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, (...) e vocês verão o traço unário, que, por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do eu. (Lacan, 1960/1998, p. 822)

Beatriz não foi desejada no início, ao contrário do irmão, e nos diz: “quero as coisas do meu irmão”, coisas que interpretamos como sendo o desejo da mãe.

Há três anos, o casal parental está separado, e o pai mantém um relacionamento amoroso há cerca de um ano e pouco. Beatriz, nas entrevistas que realizamos, fala que a namorada do pai a tratava muito mal, “ela me chama de magrela e miúda”. Antes da separação dos pais, apesar da doença, Beatriz era uma criança alegre e meiga, como relata a mãe, tendo tido um lugar no desejo do pai. Com a separação, o quadro clínico começou a piorar, complicando-se principalmente quando o pai “foi embora”, morar no Paraguai. Desde então, ela ficara mais triste, não queria alimentar-se, chegando a perder 12 quilos.

Os problemas que culminaram em sua última internação começaram há oito meses, quando foi internada, em sua cidade natal, com desidratação. Seu irmão internou-se logo depois, e ambos foram transferidos para a Pediatria do hospital, no Rio de Janeiro, onde se realizou o atendimento por causa da piora do quadro clínico.

O irmão, por apresentar um quadro de distensão abdominal, teve de submeter-se a duas cirurgias, ficando internado na cirurgia pediátrica, onde veio a falecer. Beatriz, ao saber do óbito do irmão, diz: “Muito cedo para o meu irmão ir embora...” Esse “ir embora”, que aparece em seu discurso em relação ao pai, retorna agora diante da morte do irmão.

Logo após a morte do filho, a mãe proferira o seguinte dito: “Beatriz não sabe que o irmão tinha a mesma doença que ela” — um dito que pode ser traduzido em uma sentença de morte: se ele teve a mesma doença e morreu, então ela também morrerá. O que acaba ocorrendo, quatro dias após o óbito do irmão. Beatriz começa a apresentar o mesmo quadro clínico: a barriga começa a distender, faz uma obstrução intestinal e, em decorrência disso, tem de submeter-se a uma cirurgia. Após a intervenção, ao voltar do centro cirúrgico, não consegue permanecer na enfermaria da cirurgia pediátrica, onde o irmão havia falecido, o que leva a equipe a transferi-la para a enfermaria de Pediatria. A cirurgia fora bem-sucedida, segundo os médicos. Ela podia comer, mas não aceitava a comida liberada, começou a fazer vômitos e a perder gordura nas fezes. Beatriz acaba indo a óbito.

O que a morte do irmão teria desencadeado, de forma tão contundente, em Beatriz?

A angústia, sabemos, é algo que preocupa Freud desde muito cedo em sua obra e, não à toa, é o afeto por excelência da psicanálise. Em “Inibições, sintomas e angústia”, ao atualizar seus fundamentos a respeito da angústia, Freud (1926/1975, p. 114) vai nos dizer que o “eu é a sede real da angústia”, além de nos advertir de que foi “a angústia que produziu o recalque e não (...) o recalque que produziu a angústia” (Freud, 1926/1975, p. 131). A angústia, então, não é um efeito, mas causa, e se manifesta no corpo.

Em Lacan, encontramos várias teses sobre a angústia. Desde a ideia da “relação essencial da angústia com o desejo do Outro” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 14) à ideia de que a angústia vem do real, a partir de seus estudos sobre os nós borromeanos.

Em seu seminário sobre a angústia, Lacan (1962-1963/2005, p. 178) nos diz que “esse algo diante do qual a angústia funciona como um sinal é da ordem da irreduzibilidade do real”, ou seja, a angústia é um sinal do real. Nesse caso, a morte do irmão abre as portas para uma invasão do real. Algo de uma angústia que Lacan situa “em um lugar diferente do medo em nosso corpo. É o sentimento que surge da suspeita que nos vem ao nos reduzirmos ao nosso corpo” (Lacan, 1974/2022, p. 52). Isso quer dizer que temos um corpo, uma imagem especular construída no espelho, um corpo mapeado pela linguagem; entretanto, há uma dimensão desse

corpo que nos escapa completamente, o corpo como carne, que nos surpreende às vezes pela via de uma doença orgânica, ou, como no fragmento apresentado, um evento que remete ao corpo do próprio sujeito. É uma dimensão que está elidida e encoberta pelo i(a) da imagem e pelo mapeamento simbólico.

O sintagma “foi embora”, que retorna em seu dito após a morte do irmão, e sua própria morte, de forma enigmática, para o saber médico, levam-nos à hipótese de que sua angústia estava amarrada ao lugar de objeto. É o filho que “foi embora” que sua mãe deseja, daí querer “as coisas do irmão”. A frase proferida pela mãe e que vaticinou seu destino — ela não sabe que tem a mesma doença que o irmão — revela o saber que não se sabe, que parece ter se desvelado logo após a morte dele: ela é o corpo objetalizado na identificação com o irmão perdido.

Em Beatriz, trata-se de um desejo de morte, um desejo cuja mediação foi impossível, o que determina “seu caráter radicalmente destruidor” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 342), desejo dominado pela pulsão mortífera, desencadeada pelo encontro com o real da morte do irmão, um encontro que revelou algo de enigmático, algo de estranho, mas também de sinistramente familiar...

## Referências bibliográficas

- Freud, S. (1975). Inibições, sintomas e angústia. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (1994). Respuesta a una pregunta de Marcel Ritter. In *Estudios de psicossomática II*. Buenos Aires: Atuel. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2003). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2022). A terceira. In J. Lacan. *A terceira; teoria de la língua*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Soler, C. (2012). *Declinações da angústia*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 2000-2001)

Como fazer a angústia falar quando seu objeto é o próprio corpo?

Soler, C. (2018). *Adventos do real, da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller. (Trabalho original publicado em 2015-2016)

**Recebido:** 01/06/2024

**Aprovado:** 15/06/2024